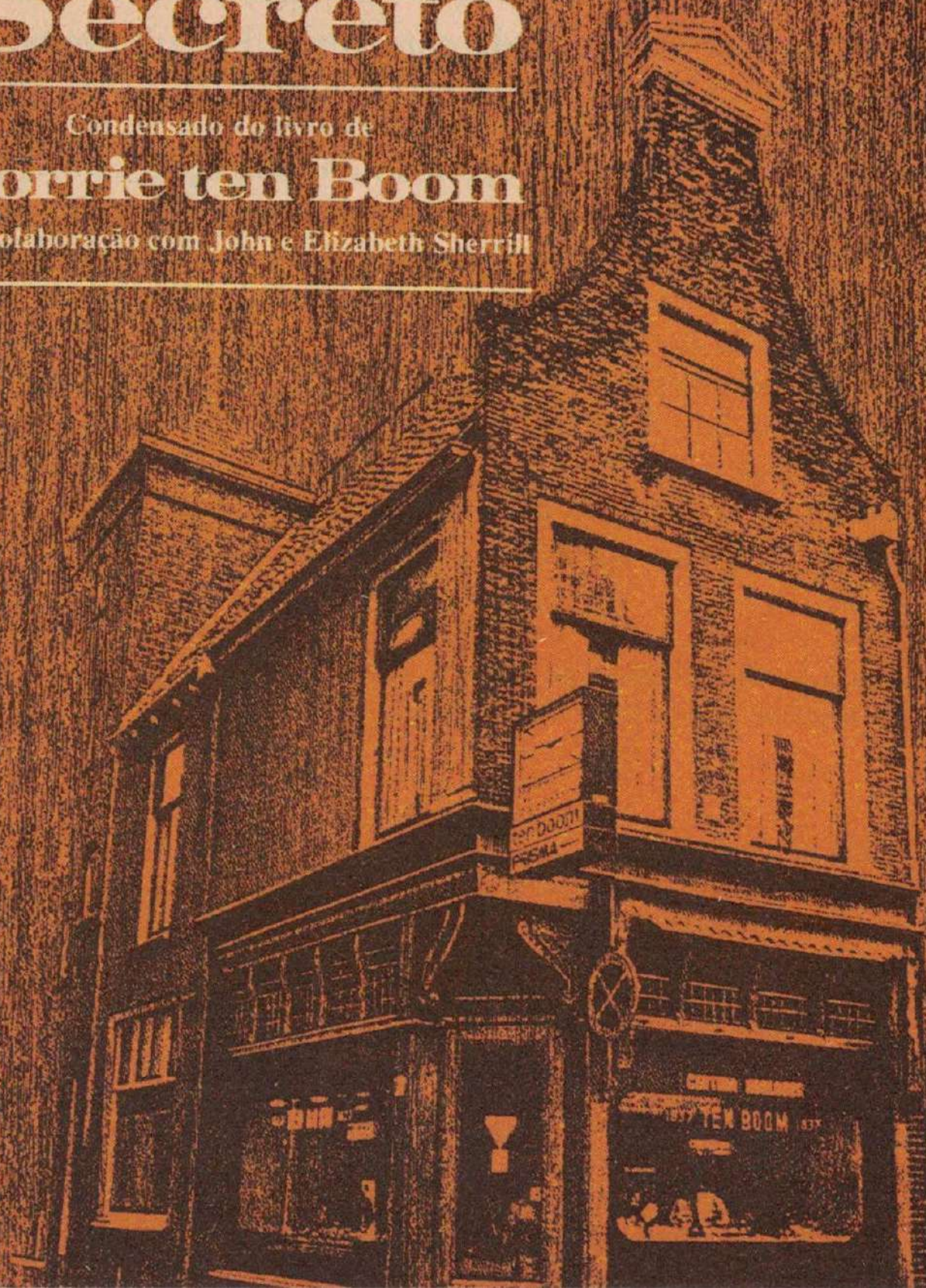


O Quarto Secreto

Condensado do livro de

Corrie ten Boom

em colaboração com John e Elizabeth Sherrill



O Quarto Secreto

Numa casa secular e de construção bastante incomum, em Haarlem, vivia a família Ten Boom – gente boa, leitores habituais da Bíblia, os melhores fabricantes de relógios da Holanda. De repente, o turbilhão da ocupação alemã transformou o barbudo patriarca e duas de suas filhas em guerrilheiros secretos. Aquela casa pitoresca na Barteljorisstraat tornou-se reduto de resistência holandês, refúgio de perseguidos e mira da Gestapo.

A luta contra o perigo e a morte que os pacíficos mas imaginosos Ten Booms travaram é uma fascinante história de aventuras – mais do que isso: uma história alegre, surpreendente e divertida de triunfo da fé cristã.

*Condensado do livro de CORRIE TEN BOOM
em colaboração com JOHN E ELIZABETH SHERRILL*

PULEI da cama e debrucei-me o mais que pude na única janela do meu quarto. Paredes nuas de tijolos foi o que vi, os fundos de outras casas antigas, naquele amontoado centro da velha Haarlem, mas, bem acima dos telhados desconjuntados, com suas chaminés tortas, havia um quadrado de céu pérola pálido. Ia ser um dia de sol para a festa!

Na verdade, nesse dia de janeiro de 1937, comemorávamos o centenário da nossa loja. Exatamente um século antes, o pai do meu pai tinha pendurado a tabuleta na janela: RELOJOARIA TEN BOOM.

Com meu vestido novo diante de mim, ensaiei uma valsinha. O quarto de meu pai ficava exatamente embaixo do meu, mas, com 77 anos, ele ainda tinha o sono pe-

sado. «Ficando mais jovem é que você não está», disse eu, ao espelho. Estava com 45 anos, solteira, a cintura há muito perdida. Minha querida irmã Betsie, já com 52 e também vivendo em casa, pelo menos conservava uma esbeltez graciosa que fazia com que as pessoas se virassem para olhá-la.

A campainha da porta tocou lá embaixo. Embarafustei-me pela escada de caracol – um acréscimo tardio introduzido em nossa casa antiga e singular que todos conheciam por Beje. Eram na verdade duas casas ligadas: uma, diminuta e típica construção de três andares da velha Haarlem, constante de um quarto grande e dois compridos, a que se juntou a outra mais estreita e mais extravagante, que ficava atrás da primeira. A estreita escada em espiral se espremia entre as duas.

Nos dias 7 e 8, a campainha da porta não parava de tocar, com ramos de flores e vasos de plantas de felicitações chegando a todo instante. Betsie e eu os levávamos, pela porta lateral que dava numa pequena passagem, para a oficina de conserto dos relógios. Lá estava o banco alto sobre o qual papai se debruçava havia tantos anos, fazendo seu delicado e laborioso trabalho, considerado o mais esmerado da Holanda. Ao lado do seu banco, havia mais três, inclusive o meu, pois, aos 30 anos, eu me tornara a primeira mulher relojoeira formada na Holanda. Diante da oficina de trabalho, dando en-

trada pela estreita Barteljorisstraat, ficava a parte da loja destinada aos clientes, cheia de relógios de todos os tipos e tamanhos, nas paredes e nas prateleiras de vidro. Desde a infância, sempre gostei de entrar ali, onde me acolhiam centenas de tique-taques diferentes.

Às nove da manhã, começaram a chegar visitas. Pouco depois, a passagem ficou repleta de bicicletas e uma fila compacta de pessoas (parecia a cidade inteira) passava pela loja, subindo depois para a sala de cima, para tomar um café com *taartjes* (doces) e cumprimentar o nosso pai. «Patriarca de Haarlem», era a ele que cada um confiava seus problemas e a quem as crianças todas chamavam *Opa* (avô).

Durante o dia inteiro, vieram amigos – jovens e velhos, pobres e ricos, homens de instrução e garçonetes ignorantes; o prefeito de fraque, o carteiro, o condutor de bonde, meia dúzia de guardas da delegacia de polícia que ficava logo ali perto...

À tarde, as crianças também apareceram e, como sempre, foram direto a papai, pois, além de ter uns meigos e alegres olhos azuis e uma grande barba branca que cheirava a charuto, ele tiquetaqueava. Nas prateleiras, os relógios funcionam diferente do que quando são portados pelas pessoas; por isso, papai sempre usava os que estavam sendo regulados. Seus paletós tinham enormes bolsos interiores, cada um com alfine-

tes para uma dezena de relógios. Por onde fosse ele, o barulhinho de centenas de pequenas rodas o acompanhava.

Papai adorava crianças. Não sei como, tendo uma loja que nunca lhe rendeu muito dinheiro, ele conseguiu alimentar, vestir e cuidar de onze crianças que adotou, depois que seus quatro filhos cresceram. No entanto, ele não sabia cuidar de seus negócios. Podia gastar dias inteiros num conserto difícil e depois esquecer de mandar a conta ao cliente. Quanto mais raro e valioso fosse o relógio, menos seria ele capaz de avaliar seu conserto em termos de dinheiro. «Um homem deveria pagar pelo privilégio de trabalhar num relógio como este, Corrie!» diria ele. Só quando me encarreguei de seus apontamentos desordenados (no ano em que mamãe morreu) e impus algum método ao caos, foi que a loja passou a funcionar em bases comerciais.

Minha irmã Nollie chegou com o marido e os filhos no meio da tarde, mas meu irmão só veio à noitinha.

Sendo o único Ten Boom a jamais freqüentar uma universidade, Willem era pastor da Igreja Reformista Holandesa. Na sua tese de doutoramento, feita dez anos antes na Alemanha, ele escreveu que um mal terrível estava tomando forma naquele país. No próprio seio da universidade se implantavam as sementes de um desprezo pela vida humana sem

precedentes na história. Os poucos que leram a tese riram.

Agora, porém, já ninguém ria da Alemanha. Era de lá que vinham, em grande parte, os relógios de qualidade, mas, nos últimos tempos, diversas firmas (de judeus) com que, durante anos, mantivemos relações comerciais se haviam misteriosamente «retirado dos negócios».

Willem era o responsável pelo programa de sua igreja, para catequese dos judeus (embora nunca se tenha ouvido dizer que ele tivesse conseguido converter algum), e, mediante autênticos malarismos de economia, construíra um asilo para velhos judeus em Hilversum, a uns 50 quilômetros dali. Alguns meses antes, entretanto, o asilo vinha sendo ocupado por hóspedes mais jovens — todos oriundos da Alemanha e todos trazendo relatos de uma loucura ali crescente.

Freqüentemente, também se ouvia, no rádio de nosso vizinho, uma voz que não falava nem sequer gritava, mas vociferava. Que queria ele, esse homem da Alemanha? Guerra?

Um conhecido nosso, enquanto se servia de bolo, comentava: «Que importa que os grandes países briguem lá entre si. Não vai nos afetar!»

Neste exato momento, Willem entrou na sala, acompanhado de um judeu de uns trinta e poucos anos, usando um típico chapéu de abas largas e um comprido casaco

preto. Algo em seu rosto prendia irresistivelmente o olhar de todos: tinha sido queimado. A barba desaparecera, deixando-lhe a pele num vermelho vivo.

«Este é o Sr. Gutlieber», anunciou Willem. «Teve de sair da Alemanha num caminhão de leite. Fizeram-no parar numa rua de Munique, um grupo de adolescentes, e puseram fogo em sua barba.»

O recém-chegado sentou-se rigidamente, segurando seu café com biscoitos, e eu comecei a falar do tempo. À nossa volta, a conversa recomeçou.

«Arruaceiros», ouvi dizer um vendedor de relógios. «É a mesma coisa em todos os países. A polícia vai pegá-los, pode estar certo. A Alemanha é um país civilizado.»

A luta apenas começou

TRÊS anos depois, 9 de maio de 1940. Papai estava quase com 81 anos. Pontualmente, às 20:45 todas as noites, ele abria a velha Bíblia com fecho de metal, dando o sinal para as orações da família e, meia hora depois, subia para o quarto. Nessa noite, entretanto, ele ficou conversando. A Grã-Bretanha, a França e a Alemanha já estavam em guerra. Uma pergunta nos atormentava: a guerra nos atingirá?

Papai ligou nosso velho rádio, e a voz de um novo locutor nos chegou, sonora e tranquilizadora. A neutralidade da Holanda seria respeitada. Nada havia a recear.

Recomendava-se aos holandeses que permanecessem calmos e...

Papai desligou o rádio, com uma chama no olhar que nunca lhe tínhamos visto. «Está errado dar esperanças, quando não há esperanças», disse ele. Depois, recuperando a habitual serenidade, acrescentou: «Meus amores, tenho pena agora de todos os holandeses que não acreditam no poder de Deus, porque os alemães vão atacar, e nós seremos vencidos – mas *Ele* não.» Beijou-nos, a Betsie e a mim, e foi deitar-se.

CINCO horas mais tarde, acordei sobressaltada. Que seria aquilo? Então, aconteceu outra vez: um relâmpago brilhante, logo seguido de uma explosão que sacudiu a cama. Lá fora, acima de minha janela, o pedaço do céu resplandecia num vermelho-alaranjado.

Precipitei-me para o andar de baixo. Betsie estava ainda sentada na cama. Caímos nos braços uma da outra, e juntas gritamos: «A guerra!»

O bombardeio parecia vir principalmente da direção do aeroporto. No quarto da frente, cadeiras, estantes de mogno, o velho piano-armário, tudo vibrava com a luz que vinha do céu incandescente.

Betsie e eu nos ajoelhamos diante do banco do piano. Rezamos pelo nosso país, pelos mortos e feridos dessa noite, pela rainha. De repente (incrível!), Betsie começou a rezar pelos alemães que

se encontravam nos aviões, vítimas do domínio do gigantesco mal que abalava a Alemanha. Olhei para a minha irmã ali ajoelhada a meu lado, iluminada pelas chamas que incendiavam a Holanda. «Meu Deus», sussurrei. «Ouça Betsie e não a mim, pois não posso de forma alguma rezar por esses homens.»

DURANTE cinco dias, a Holanda resistiu. Mantivemos a loja aberta, porque as pessoas queriam ver papai. Alguns lhe pediam que rezasse pelos maridos e filhos que estavam defendendo as fronteiras holandesas; outros vinham simplesmente para vê-lo ali sentado diante de sua banca de trabalho, como o fazia há 60 anos; e para ouvir no tique-taque dos relógios um mundo de ordem e razão.

Pouco tempo depois do primeiro bombardeio, os tanques alemães invadiram as fronteiras holandesas. Na manhã de 14 de maio, veio a notícia que temíamos: a rainha partira para a Grã-Bretanha. O bombardeio de Rotterdam, mais tarde nesse dia, foi o golpe final para a Holanda, e, às sete da manhã, uma voz entrecortada anunciou no rádio: «Nós nos rendemos!»

Logo após, um garoto de talvez uns 15 anos apareceu na loja, com lágrimas rolando-lhe pelo rosto: «Eu teria lutado! Jamais teria desistido!»

Papai olhou-o com ternura: «Não faz mal, meu filho», disse.

«Para a Holanda, a luta apenas começou.»

«A menina-dos-olhos de Deus»

A VIDA não foi assim tão insuportável nos primeiros meses de ocupação. O pior era termos de nos acostumar com o uniforme alemão por toda parte, com os caminhões e tanques alemães nas ruas, com o idioma alemão falado nas lojas. Também fazíamos objeção aos cartões de identidade que todos os cidadãos com mais de 15 anos tinham de levar consigo, às filas intermináveis para tudo, à propaganda nazista, aos jornais que já não davam notícias. Do verdadeiro horror da ocupação, porém, só nos apercebemos aos poucos.

Durante os primeiros seis meses, faziam-se apenas pequenas ofensas aos judeus da Holanda: uma pedra atirada à janela de uma loja de propriedade de algum judeu; um palavrão rabiscado na parede de uma sinagoga. Mas a Liga Nacional-Socialista, organização dos colaboracionistas holandeses, ia aumentando, ganhando força. Nos passeios que tínhamos o hábito de fazer ao meio-dia, papai e eu notávamos que se expandiam os sintomas da doença anti-semita: um aviso na vitrina de uma loja — NÃO SE ATENDEM JUDEUS; na entrada de um jardim público — PROIBIDO PARA JUDEUS.

Mais graves ainda eram os desaparecimentos: um relógio con-

sertado e regulado, esperando na loja mês após mês; uma casa misteriosamente abandonada no quarteirão em que vivia Nollie, a grama crescendo no jardim outrora cheio de rosas. Nunca se pôde saber se essa gente tinha sido apanhada pela Gestapo ou se se teria escondido, antes que isso pudesse acontecer.

As prisões em público se tornaram mais freqüentes. Um dia, papai e eu vimos o Grote Markt, a praça principal de Haarlem, isolado por uma fila dupla de policiais e soldados, e um caminhão parado diante do mercado do peixe. Nele subiam homens, mulheres e crianças, todos usando a estrela amarela com a palavra *Jood* (judeu).

«Papai, esses coitados!» exclamei, quando o caminhão se foi.

«Esses coitados», repetiu papai — mas ele estava olhando para os soldados. «Tenho pena dos pobres alemães, Corrie. Eles profanaram a menina-dos-olhos de Deus.»

NUMA chuvosa manhã de novembro de 1941, quatro soldados alemães desceram a Barteljorisstraat, verificando os números das lojas. Parando do outro lado da rua, diante da peleteria do judeu Weil. Um deles bateu à porta com a coronha do revólver.

«Betsie!» chamei. «Corre!» Chegamos à porta da frente, e vimos o Sr. Weil saindo de costas da sua loja, com o cano de um revólver encostado ao estômago. En-

tão, os soldados voltaram a entrar na loja e fecharam a porta com força. Não se tratava, portanto, de uma prisão.

Lá dentro, podíamos ouvir o barulho de vidros quebrados. Os soldados começaram a aparecer com os braços carregados de peles. Weil não se movera. Abriu-se uma janela no andar superior, caindo-lhe em cima uma pequena quantidade de suas próprias roupas (pijamas, camisas, camisetas). Automaticamente, ele começou a juntar as peças de roupa.

Betsie e eu corremos para ele. Apanhando meias e lenços pelo caminho, levamos o atordoado velho em direção a Beje. Papai acolheu o Sr. Weil, e a naturalidade de suas palavras pareceu descontrair um pouco o pobre homem. Disse-nos que sua mulher estava visitando uma irmã em Amsterdam.

«Precisamos avisá-la, para que não volte a casa», lembrou Betsie.

Para onde poderia ela ir? Onde poderiam os Weils viver? Papai, Betsie e eu nos consultamos com o olhar e dissemos: «Willem!» Sabíamos que ele, desde o começo da ocupação, arranjava esconderijos para os jovens judeus alemães que se tinham abrigado no seu asilo (em fazendas onde não havia muitas tropas de ocupação).

Isso, porém, não era coisa que se pudesse discutir por telefone. Alguém teria de fazer os 50 quilômetros de trem até Hilversum. Quando cheguei ao asilo, logo de-

pois do meio-dia, Willem não estava lá. contei a história à sua mulher, Tine, e ao filho, Kik, um rapagão alto e louro, de 22 anos.

«Diga ao Sr. Weil para estar pronto logo que escureça», disse Kik.

Já era quase hora do recolher obrigatório, quando Kik bateu à porta lateral de Beje. Carregando a trouxa de roupas do Sr. Weil de baixo do braço, levou o velho para a escuridão.

Passaportes para a segurança

MAIO de 1943. Uma batida na porta lateral, às 19:55, fez-me dar uma olhada no espelhinho que nos permitia, da sala de jantar, ver quem estava à porta lá fora. Na penumbra, achava-se uma mulher; carregava uma pequena valise e (estranho, para uma noite de primavera!) usava um casaco de peles e um véu pesado.

Abri a porta. «Posso entrar?» perguntou, cheia de medo. «Meu nome é Kleermaker. Sou judia.»

Meses antes, seu marido tinha sido preso, e o filho se encontrava escondido. No dia anterior, a polícia política dera ordem para que ela fechasse a loja de roupas que a família possuía, e, agora, ela receava voltar ao apartamento onde vivia, no andar acima da referida loja. Ela soube que tínhamos acolhido um homem...

«Nesta casa», disse papai, «a gente de Deus é sempre bem-vinda.»

«Temos quatro camas desocupadas lá em cima», acrescentou Betsie. «Seu problema será escolher em qual delas irá dormir!»

Duas noites depois, um idoso casal judeu estava parado lá fora. A mesma história. No entanto, a proximidade de nossa casa em relação ao posto de polícia do bairro se tornava perigosa para hóspedes permanentes; por isso, no dia seguinte, visitei Willem outra vez. «Temos três judeus vivendo na Beje», disse-lhe. «Será que você pode encontrar hospedagem para eles no campo?»

«Agora, há falta de comida até nas fazendas», informou. «Não aceitam mais ninguém sem cartão de racionamento.»

«Mas judeus escondidos não têm cartão de racionamento!» repliquei. Pela primeira vez, pensei no problema que ele e Tine estariam tendo para alimentar os velhos que se encontravam no asilo. «Que é que se pode fazer?»

«Cartões de racionamento não podem ser falsificados; são mudados com frequência e é muito fácil localizá-los. É preciso roubá-los.»

Olhei fixamente para aquele pastor reformista holandês. «Então, Willem, você poderia roubar... quero dizer, obter três cartões roubados?»

«Não, Corrie, estou sendo vigiado. É muito melhor que vocês mesmos criem seus próprios recursos. Quanto menor a ligação comigo ou com quem quer que seja, maior a segurança.»

«Seus próprios recursos.» Soou-me tão... profissional. No entanto, quando eu voltava para casa no trem superlotado, de tanto pensar ocorreu-me um nome: Fred Koornstra. Havia já uns 20 anos que eu dirigia um serviço de orientação religiosa para retardados, e ele tinha uma filha que frequentava o curso. Agora, Fred trabalhava na Repartição de Alimentos de Haarlem.

Nessa noite, dirigi-me a casa de Koornstra, mas, como os pneus da minha bicicleta já estivessem gastos, lá fui eu pedalando ruidosamente sobre os aros de metal.

«Temos companhia inesperada em Beje», disse-lhe eu depois de fechada a porta. «Judeus.»

A expressão aberta do rosto de Fred não se alterou.

«Podemos arranjar lugares seguros para eles, mas precisam de cartões de racionamento.»

Seus olhos sorriram. «Pois é, mas não há possibilidade, Corrie. Os cartões são controlados e recontrolados – a menos que... a menos que houvesse um assalto. A Repartição de Alimentos em Utrecht foi roubada em março, lembra-se...?»

«Não me diga onde, quem ou como!» argumentei. «Consiga-me apenas os cartões. Preciso de...» – ia dizer cinco, mas saiu-me «uma centena.»

Daí a uma semana, quando Fred me abriu a porta, tinha consigo os cartões – 100 passaportes para a segurança.

O quarto secreto

GENTE perseguida continuava a aparecer e, muitas vezes, suas necessidades eram complicadas. Onde poderia uma judia grávida ter seu filho? Se um judeu escondido morresse, onde poderia ser enterrado? Que fazer quando era necessária uma operação de apêndice de emergência? Porém, já que éramos amigos de metade da população de Haarlem e conhecíamos sempre alguém em cada setor de negócios ou serviços, Beje começava a ser um lugar de encontro, para atendimento de gente em dificuldades.

Uma noite, muito depois de dado o sinal de recolher, a campainha da porta lateral tocou. Era meu sobrinho Kik. «Pegue a bicicleta», pediu-me. «Quero que venha conhecer umas pessoas.»

A bicicleta de Kik não tinha pneus, os aros das rodas estavam envolvidos em panos. O mesmo fez ele com as rodas da minha, para evitar o barulho. Daí a pouco, estávamos pedalando rapidamente através das ruas às escuras. No elegante subúrbio de Aerdenhout, viramos numa estrada de carros. Uma empregada abriu a porta; o *hall* estava coalhado de bicicletas.

Vi então o dono da casa, Erman Sluring, nosso cliente mais rico, e o velho amigo que tinha enviado um enorme ramo de flores na festa do centenário da nossa loja! Ele parecia ter sido tirado de uma ilustração do *Pickwick Papers*, de Dick-

ens. Baixo, imensamente gordo, de olhos sem expressão e com a cabeça calva lembrando um queijo holandês, «Pickwick» era o homem mais feio de Haarlem, embora fosse bom e generoso.

Amontoados na sala de visitas (comendo bolos e bebendo café de verdade), havia um grupo de homens e mulheres com a melhor aparência possível. Pickwick apresentou-me a diversas pessoas — nada de nomes, apenas ocasionalmente um endereço, e «Procure pela Sra. Smit». Finalmente Kik explicou com um sorriso: «Smit é o único sobrenome que se usa na resistência.»

Era, portanto, um grupo da resistência, disciplinado, profissional, que, juntamente com outras unidades clandestinas, mantinha ligação com a Grã-Bretanha e com as forças holandesas livres que lutavam fora do país, ajudando também as tripulações de aviões aliados abatidos a chegarem à costa do Mar do Norte. Correi ao me ouvir mencionada como «chefe de uma operação aqui na cidade», mas todos eles, com a maior simpatia, imediatamente murmuravam o que tinham para oferecer: papéis falsos, a utilização de um carro com chapa oficial — uma série de falsificações.

«Nosso amigo me informou», disse um homenzinho com um cavanhaque ralo, «que, na construção do seu quartel-general, falta um quarto secreto. Se me permite, irei visitá-la.»

Certa manhã da semana seguinte, ele foi nosso primeiro cliente.

«Smit!» disse papai com entusiasmo. «Conheço vários Smits. O senhor não será parente...»

«Papai», interrompi. «Este é o homem de quem lhe falei. Ele veio para... inspecionar a casa.»

«Um fiscal de construção! Então deve ser o Smit com escritório na...»

«Papai!» implorei. Tentamos explicar-lhe, mas ele era incapaz de praticar dissimulação, ou ao menos de reconhecê-la; e, enquanto eu conduzia o Sr. Smit, ouvimos ainda papai murmurando: «Eu conheci um Smit na rua Koning.»

O Sr. Smit aprovou o esconde-rijo que eu arranjava para os cartões de racionamento: debaixo do assoalho do último degrau, no *hall* dos fundos. Também aprovou nosso sistema de aviso, um cartaz triangular de madeira, na janela da sala de jantar, com as palavras RELÓGIOS ALPINA. Quando ele lá estivesse, podia-se entrar sem perigo em Beje.

Mostrei-lhe um espaço oculto atrás do armário da sala de jantar, ali deixado havia muito tempo, numa das reformas da casa, e suficientemente grande para abrigar uma pessoa, se necessário. Smit, porém, não o aceitou. «Seria o primeiro lugar que eles olhariam.»

Começou a subir a estreita escada em caracol e, à medida que subia, aumentava-lhe o otimismo.

Parou deliciado nos patamares tortos, apreciando seus velhos ângulos. Deu umas pancadinhas nas paredes e riu alto, pois os pavimentos das duas velhas casas continuavam-se em desnível. Lá em cima, entrando no meu quarto, soltou uma exclamação de alegria: «Aqui está ele! Seu esconderijo deve estar o mais alto possível. Isso vai dar-lhe tempo de chegar até ele, enquanto a busca se processa lá embaixo.»

Debruçou-se na janela, olhando para um lado e para o outro. Depois, começou a tirar medidas. «Aqui é onde se fará a parede falsa.» Desenhou uma linha através do chão a 80 centímetros da parede de trás e disse: «É o maior que ousou fazer.»

Nos dias que se seguiram, ele e seu ajudante entravam e saíam constantemente. De cada vez, os dois traziam qualquer coisa: uns poucos tijolos numa valise, ferramentas embrulhadas em jornais. Seis dias depois de terem começado o trabalho, Smit nos chamou (a papai, a Betsie e a mim), para vermos a obra.

Ficamos pasmados. O cheiro de tinta fresca ali estava, mas, seguramente, nada tinha sido recentemente pintado no quarto. As quatro paredes continuavam encardidas com rachaduras e descascadas, e o formato antigo do teto parecia intato. Velhas manchas de infiltração cobriam a falsa parede de trás, e estantes de livros se enfileiravam, com prateleiras velhas e

mal feitas. No canto esquerdo, ao fundo, sob a última prateleira, um painel móvel, de cerca de meio metro de lado, abria para o quarto secreto. Uma vez lá dentro, podia-se ficar em pé, sentado e, até mesmo, deitado num colchão estreito. Uma abertura disfarçada na verdadeira parede permitia a entrada do ar.

«Mantenha sempre uma jarra com água aqui», disse Smit. «Uma vez por semana, mude a água. Tenha sempre bolachas duras e vitaminas em estoque. Logo que haja algum hóspede, em caráter não oficial, na casa, tudo o que ele possua, exceto a roupa que esteja vestindo, deve ser guardado aqui.»

Bateu com o punho na sólida parede de tijolo, e disse: «Este, a Gestapo não descobrirá nunca!»

Caminho para a catástrofe

NO DECORRER da primavera de 1943, inúmeros judeus passaram pela nossa célula da resistência, e havia 50 holandeses, homens e mulheres, no nosso grupo — «a Resistência de Deus», como às vezes, sorrindo, nos chamávamos. Muitos nunca chegaram a conhecer-se entre si, mas todos conheciam Beje. Por quanto tempo continuariam os olhares curiosos a acreditar que se trabalhava, como parecia, em nossa pequena loja, com todo aquele entrar-e-sair?

Cada vez era mais difícil encontrar lugares seguros para os ju-

deus, e, inevitavelmente, Beje passou a ter uns tantos residentes extras, alguns dos quais, por suas feições marcantemente semitas, se tornavam um risco muito sério.

Uma noite, em casa de Pickwick, este meu amigo de olhar inexpressivo me avisou: «Cornelia, você sabe que, a qualquer momento, podem fazer uma busca! O seu quarto secreto de nada servirá, se os seus hóspedes não se meterem nele a tempo. Esse Leendert, que está lá agora com vocês, é um bom eletricista. Peça-lhe que instale um sistema de alarme.»

Nessa semana, Leendert instalou uma campainha perto do alto da escada, cujo som era bastante alto para ser ouvido em toda a casa, mas não do exterior. Depois, colocou botões para se tocar a campainha em cada quarto que tivesse porta ou janela para a rua.

No momento, tínhamos três residentes extra-oficiais permanentes: o professor eletricista Leendert; Henk, advogado; e Meyer Mossel, cantor. Duas vezes por dia, todos eles subiam para o quarto secreto — de manhã para guardarem as roupas de cama e os pijamas, e, de noite, para esconderem seus objetos de uso durante o dia. Isso ocasionava bastante movimento no pequeno quarto em que eu continuava a dormir como antes.

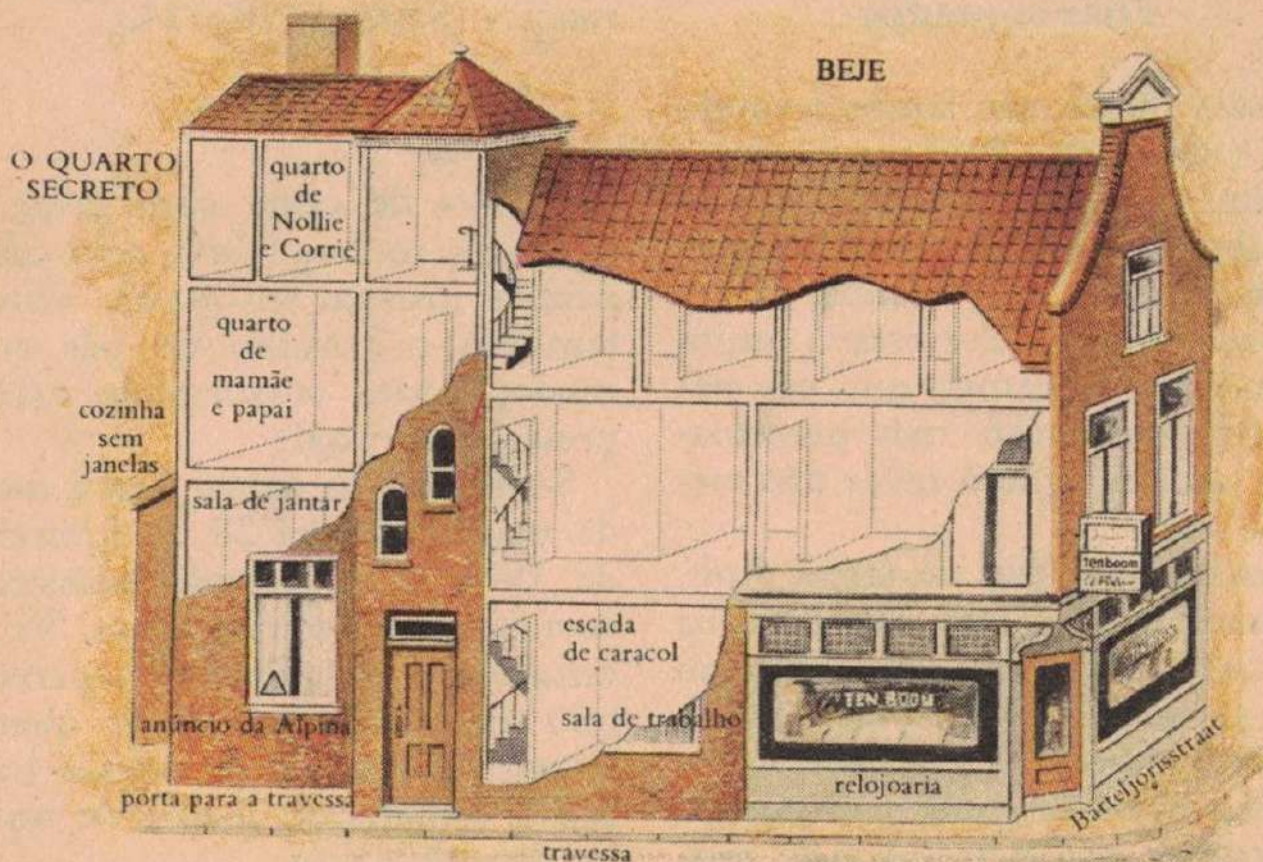
Um dia, um homem alto e muito pálido veio da parte de Pickwick. «A hora das refeições»,



Fachada da casa

disse-me ele, enquanto subíamos a escada, «é o momento preferido para uma busca. O meio da noite também.» Percorreu quarto por quarto, apontando provas evidentes de que mais de três pessoas viviam na casa. «Tenha cuidado com cinzeiros e cestas de papéis.»

Parou num quarto de dormir. «Se a busca se der à noite, seus hóspedes devem não apenas levar lençóis e cobertores para o quarto secreto, mas também virar os colchões. Um dos truques favoritos do inimigo é sentirem vestígios de calor numa cama.»



Corte lateral mostrando a localização do esconderijo

O Sr. Smit ficou para almoçar conosco. Betsie tinha acabado de servir um guisado sem carne, quando ele se inclinou para trás e apertou o botão que ficava em baixo da janela. A campainha soou. Foi uma correria de gente levando pratos e copos em direção à escada. Papai, Betsie e eu, apressadamente, recompusemos a mesa e as cadeiras para dar a impressão de que havia apenas três pessoas almoçando.

«Não, deixe o meu lugar», instruiu Smit. «Por que não haveriam de ter um convidado?»

Um pouco mais tarde, voltamos a reunir-nos em torno da mesa. A operação durara quatro minutos – tempo demasiado. O Sr. Smit apontou as provas incriminatórias deixadas: duas colheres e um pedaço de cenoura nos degraus, cinza de cachimbo num quarto «desocupado».

Na noite seguinte, economizamos 93 segundos na nossa corrida; no quinto ensaio, tínhamos baixado o tempo para dois minutos. Nunca atingimos o ideal de menos de um minuto, mas, com a prática, aprendemos a maneira de

fazer chegar os hóspedes ao quarto secreto em 70 segundos.

Dias contados

FAZIA meses que íamos levando essa vida dupla. Beje era o centro de um ramo da resistência que se espalhava agora aos mais longínquos recantos da Holanda; já era demasiado grande, e estava muito difundido. Sabíamos que era necessário continuar, mas percebíamos também que o revés não tardaria a vir.

Então, num fim de tarde, Rolf, policial de Haarlem, apareceu na loja. «Há uma casa em Lunteren que vai ser revistada. Não têm alguém que possa ir avisá-los?»

Não havia nenhum mensageiro experiente em Beje, naquele momento, mas o estudante Hans Polij se ofereceu. «Eu posso ir», disse.

«Então vá depressa», acrescentou Rolf. Deu a Hans todas as indicações e foi embora. Este chegou a Lunteren, mas de lá não regressou. A seguir, Rolf soube que a Gestapo o prendera.

«Temos que encarar a realidade, Corrie», disse Rolf. «A Gestapo arrancará informações de Hans. Quanto tempo será ele capaz de resistir?»

Nessa noite, papai, Betsie e eu ficamos rezando ainda, depois que os outros foram dormir. Sentimos que não havia alternativa senão seguir adiante. Era um mau momento; não podíamos fugir dele. Procuramos conforto nas conheci-

das palavras da Bíblia: «Meu protetor e meu escudo sois Vós; na vossa palavra ponho a minha esperança.» (Salmos 118, 114.)

A busca

ESTAVA de cama com gripe e, em meus sonhos febris, uma campainha insistia em tocar. Ouvia também o barulho de pés correndo, vozes sussurrando: «Depressa! Depressa!»

Sentei-me na cama. Era a meio da manhã do dia 28 de fevereiro de 1944, e as pessoas passavam correndo pela minha cama. Vi os calcanhares de Thea desaparecerem através do painel do quarto secreto. Mais três de nossos hóspedes dispararam diante de mim, brancos de pavor.

Na confusão de meu cérebro, percebi que o momento da emergência chegara. (Mais tarde, soubemos que um traidor no grupo de Pickwick nos tinha denunciado.) Quatro pessoas já se encontravam no quarto secreto, mas onde estava Mary? Ela apareceu na porta do quarto, quase sem fôlego, e correu para o painel. Depois, um homem magro e de cabelos brancos entrou correndo pelo quarto. Reconheci-o como um dos do grupo de Pickwick, alguém de importância na resistência. Ele veio depois de Mary. Cinco... seis. Sim, Leendert andava fora, em serviço, portanto estava correto.

Deixei cair o painel e afundei-me outra vez na cama. Embaixo,

ouvi portas batendo e passos pesados subindo a escada. De repente, abriu-se a porta. O homem, alto, pesadão e pálido, usando traje civil, gritou para os outros: «Temos mais uma aqui em cima.» Depois, para mim: «Levante-se! Vista-se!»

Comecei a enfiar roupas por cima do pijama, de ouvidos atentos a algum rumor no quarto secreto.

«Depressa!» berrou o homem da Gestapo, enquanto verificava meus papéis, mas ele não tinha tanta pressa como eu de sair do quarto. Fui tropeçando pelas escadas abaixo. Na sala de jantar, papai, Betsie e diversos membros da resistência estavam sentados em cadeiras com as costas para a parede. Havia outro homem da Gestapo à paisana e, pelo menos, dois soldados. No chão, quebrado em pedaços, encontrava-se o cartaz dos RELÓGIOS ALPINA. Graças a Deus, alguém conseguira tirá-lo do lugar.

«Aqui está a outra registrada neste endereço», disse Kapteyn, o homem que me trouxe para baixo. «Ela é a responsável por toda a organização.» Então, empurrou-me para a loja e encostou-me junto à parede. «Onde estão os judeus?»

«Não há judeus aqui.»

Bateu-me violentamente no rosto.

«Onde é que esconde os cartões de racionamento? Onde é o seu quarto secreto?»

«Não sei a que se refere...»

Bateu-me novamente... e mais e mais — golpes violentos na face, que me sacudiam. Senti gosto de sangue. Minha cabeça girava, meus ouvidos zuniam. «Jesus Cristo», gritei, «protejei-me!»

A mão de Kapteyn ficou parada no ar. «Se pronunciar esse nome outra vez, mato-a.» Deixou cair o braço. «Se você não falar, farei com que a magricela fale.» Levou-me aos trambolhões de volta à sala de jantar. Através de uma névoa, vi que ele puxava Betsie para fora.

Acima de nós, golpes de martelo e o ruído de picareta nos diziam por onde andava o grupo de peritos, à procura do quarto secreto. A campainha da porta lateral tocou. Não teriam visto que o cartaz ALPINA fora retirado? Dei uma olhada à janela e lá estava o triângulo, com os pedaços quebrados cuidadosamente colados.

Ergui os olhos e vi que o outro homem da Gestapo, Willemse, me encarava. «Foi o que pensei», disse ele. «Era o sinal, não era?»

O barulho do martelo parou e ele foi abrir a porta lateral. Nada pude fazer senão fixar com angústia o anúncio na janela, proclamando que tudo estava como sempre em Beje. Nossa casa se transformara em armadilha.

Kapteyn reapareceu com Betsie na sala de jantar. Os lábios dela estavam inchados, sua face enegrecida de golpes. Ela quase caiu na cadeira a meu lado.

«Oh, Betsie! Ele te machucou.»

«Sim.» Ela passou os dedos no sangue que lhe cobria a boca. «Sinto tanta pena *dele*.»

«Os prisioneiros não podem falar!» berrou Kapteyn, com seu rosto branco ainda mais pálido. A campainha tocou outra vez. O recém-chegado mal se tinha sentado, quando a campainha tocou de novo. Em poucos minutos, a sala de jantar estava cheia de prisioneiros. Finalmente, eles deixaram de vir; alguém deve ter desconfiado e espalhado o alarme.

Um homem surgiu na porta do corredor, e disse: «Se há algum quarto secreto aqui, foi o próprio diabo quem o construiu.»

Willemse olhou para papai, para Betsie e para mim. «Existe um quarto secreto», disse ele, tranquilamente. «Muito bem. Deixaremos a casa sob vigilância, até que eles virem múmias.»

No impacto do horror que se seguiu a tal declaração, ele nos ordenou abruptamente que seguíssemos pelo corredor trazendo nossos casacos e chapéus.

Notícias de casa

APÓS uma noite inteira passada no posto de polícia de Haarlem, todos os que tínhamos sido presos em Beje e mais outros prisioneiros fomos levados de ônibus, no dia seguinte, para Haia. Fiquei gelada ao ver nosso velho amigo Pickwick ser empurrado para o ônibus por dois soldados. No alto de sua cabeça calva, havia uma profusão

de feridas; sangue coagulado pendia da ponta do seu queixo. Ele não olhou para cima e, ao chegarmos ao nosso destino, levaram-no separadamente. Numa sala grande da sede da Gestapo, começou a interminável anotação de nomes, endereços e profissões.

«Você aí, velho!» chamou o chefe dos interrogadores. «Gostaria de mandá-lo para casa. Aceito sua promessa de que não causará mais transtornos.»

Eu podia ver a figura ereta de meu pai. «Se eu for para casa agora», disse ele, «amanhã abrirei minha porta a qualquer homem que pedir ajuda.»

«Volte para a fila!» gritou o homem da Gestapo. «Rápido!»

Era noite escura, quando um caminhão nos conduziu, através de ruas esburacadas por bombas, para o subúrbio de Scheveningen, onde os muros portões da velha penitenciária (agora usada pelos alemães) se fecharam com estrondo às nossas costas. Outra longa espera, enquanto todos permanecíamos em pé, com o rosto virado para a parede. Então, ouvi: «Mulheres prisioneiras, sigam-me!» Olhei rapidamente à minha volta. Lá estava papai, não longe da parede, sentado numa cadeira que algum guarda lhe devia ter trazido.

«Papai!» gritei desesperadamente. «Deus o acompanhe!»

Ele voltou a cabeça na minha direção. A luz crua da sala se refletia nos seus óculos. «E a vocês, minhas filhas», disse ele.

BETSIE e eu fomos postas em celas separadas. Depois de semanas, fui transferida para uma cela solitária. À medida que o tempo passava, um terrível tédio se apoderou de mim. No dia 20 de abril, porém, quando os guardas estavam celebrando o aniversário de Hitler, pudemos transmitir-nos mensagens de cela a cela. Gritei por nomes até ficar rouca, ouvi-os repetidos através do longo e úmido corredor. Finalmente, alguns deles começaram a ser transmitidos de volta. «Betsie ten Boom está na cela 312. Ela lhe manda dizer que Deus é bom.»

Sim, era mesmo Betsie! Betsie inteirinha! Meu coração se reanimou, pois descobri que todos os outros capturados na busca em Beje, aparentemente, tinham sido libertados. Apenas sobre papai nada pude saber.

No dia 3 de maio, entretanto, a portinhola por onde me passavam a comida foi aberta e logo fechada. No chão, havia uma carta de minha irmã Nollie. Minhas mãos tremiam quando a abri.

«Corrie, você é capaz de ser corajosa? Tenho uma má notícia para lhe dar. Papai sobreviveu à prisão apenas dez dias. Agora, está com Deus.»

Fiquei ali parada com o papel nas mãos durante muito tempo. Nollie não me dava pormenores. Somente bem mais tarde soube que papai tinha ficado doente em sua cela e morrera num hospital da prisão. Sem ter documentos

nem qualquer identificação, fora enterrado em vala comum.

Nollie enviara também um embrulho contendo um suéter, pijamas, biscoitos, um pequeno frasco de vitaminas, sabão, agulhas, linhas e uma toalha vermelha. (Mais tarde, ela conseguiu até me passar uma pequena Bíblia, metida numa sacolinha para usar em volta do pescoço.) A letra de minha irmã no papel do embrulho parecia subir, despropositadamente, em direção do selo do correio. Umedecendo o papel e retirando o selo com muito cuidado, encontrei a mensagem escrita em letra miudinha: «Todos os relógios do seu armário estão seguros.»

Seguros! Então, Meyer, Henk, Mary e os outros, de alguma forma, tinham conseguido sair do quarto secreto e escapar aos soldados. Estavam livres!

Não conseguia conter os soluços que me sacudiam o corpo.

A tortura dos vagões fechados

EM FINS de junho (por causa dos rumores que corriam de que prosseguia a invasão da Europa pelos aliados) muitos prisioneiros de Scheveningen foram levados para Vught, um campo de concentração na área rural do Sul da Holanda. Depois dos meses passados na cela solitária, sentia-me imensamente grata pela companhia de outras pessoas. Parecia-me que poderia suportar fosse o que fosse com Betsie a meu lado. Nos lon-

gos dias que passamos encerradas, entre os arames farpados de Vught, trabalhávamos; meu serviço era ajudar a montar rádios para aviões de caça. De noite, na nossa caserna, Betsie e eu líamos a Bíblia que Nollie me havia enviado, ou fazíamos preces em reuniões clandestinas com todos os que podiam reunir-se à nossa volta.

Em meados de agosto, já corriam boatos de que as tropas aliadas avançavam rapidamente através da França em direção às fronteiras alemãs e belgas, e os guardas do campo estavam visivelmente apreensivos. Certa manhã, em princípios de setembro, fizeram-nos marchar por uma estrada acidentada e barrenta, até chegarmos a uma ferrovia onde vagões fechados se enfileiravam até perder de vista. Cerca de mil mulheres permaneciam ao longo dos trilhos e, mais adiante ainda, homens de cabeças raspadas, da seção masculina do campo, estavam sendo embarcados.

Betsie estava ofegante, depois da marcha de quase dois quilômetros. Sofria de anemia perniciosa desde que nascera e sempre tivera problemas respiratórios. Em suma, nunca tinha tido saúde e a prisão a exauria. Tive que ampará-la, até chegarmos ao trem. Fomos empurradas contra a parede dos fundos do pequeno vagão. Num dos lados, dezenas de fatias de pão seco e negro estavam empilhadas umas sobre as outras — indício de que seria longa a via-

gem. Umas 30 ou 40 pessoas era o que podia comportar o vagão, mas, apesar disso, os guardas iam metendo mais mulheres em todos os cantos, à força de palavrões e cutucadas de revólver; só quando 80 se encontravam amontoadas ali dentro é que se fecharam e trancaram as pesadas portas corrediças. Muitas das mulheres, em prantos, acabaram por desmaiar, mas não caíram ao chão, de tal forma nos achávamos comprimidas umas contra as outras. Finalmente, descobrimos um jeito de nos acomodarmos, meio sentadas, meio recostadas, com as pernas afastadas encaixando a companheira da frente, como se estivéssemos num trenó. Era uma completa loucura.

Durante três dias e três noites indescritíveis, parando, recomeçando a andar, arrastando-se lentamente, o trem nos levou para leste. Por fim, na manhã do quarto dia, parou, abriu-se a porta e nós nos arrastamos para fora. Os vagões que carregavam os homens tinham desaparecido. Diante de nós, estendia-se um lago azul e, mais afastado e rodeado de sicômoros, erguia-se o campanário de uma igreja branca.

Deram-nos baldes com água do lago e ali mesmo bebemos todas. Tínhamos os lábios partidos e inchados. Depois, quase sem poder andar, marchamos em colunas errantes, cruzando com pessoas da região.

Do alto do monte, vimos, como uma imensa cicatriz na paisagem

verde da Alemanha, uma cidade de barracas baixas de um tom cinzento sujo, cercada de muros de cimento, tendo no alto fios eletrificados e torres de vigia. No centro, uma chaminé quadrada e cinzenta soltava um fio de fumaça para o céu azul. Como uma praga sussurrada, a palavra foi passando de boca em boca: «Ravensbrück!» Era o famoso campo de extermínio de mulheres.

Dentro, logo a seguir aos portões, havia uma fila de esguichos de água. Imediatamente nos lançamos sobre eles, numa confusão de braços, mãos, pernas e cabeças sob a água gelada, ávidas de lavar a sujeira e o mau cheiro dos vagões fechados. Mulheres guardas, usando de chicotes curtos e resistentes, finalmente nos arrancaram dali e levaram-nos como um rebanho. Dois dias e duas noites estivemos ao ar livre num recinto de chão batido. Choveu e, na segunda noite, com o solo e os cobertores ainda úmidos, Betsie começou a tossir. Envolvi-a no suéter azul de Nollie e dei-lhe umas gotas de vitaminas, mas, ao amanhecer, ela sofria horivelmente de cólicas intestinais. Muitas e muitas vezes teve de pedir permissão à monitora, já impaciente, para ir ao fosso que se usava como sanitário.

Na terceira noite, marchamos para o centro de recepção dos recém-chegados. Assim que cada mulher passava por uma mesa onde estavam sentados os funcionários, era obrigada a deixar o

cobertor, travesseiro e tudo mais que levasse consigo, numa pilha que ia crescendo. A alguns passos, diante de outra mesa, faziam-na despir-se inteiramente e depois caminhar nua, sob a inspeção de uma dezena de homens da ss, até o banheiro; ele apontou sua direção com a cabeça. Timidamente, Betsie sobre o corpo, e sapatos — nada mais.

Betsie, porém, precisava do suéter... e das vitaminas! Nós precisávamos da nossa Bíblia, escondida num cordão que eu trazia em volta do pescoço, sob o macacão. Como poderia eu conservá-la, se tinha de passar diante de tantos olhares observadores?

Cerrei o punho sobre o frasco de vitaminas, antes de deixar cair as outras coisas na pilha, e rezei: «Meu Deus, deste-nos este livro precioso, fizeste com que o conservássemos através de outras inspeções, tendes que...»

Senti que Betsie cambaleava ao meu lado, pálida, de lábios comprimidos. Perguntei a um guarda que passava se nos podia indicar o banheiro; ele apontou sua direção com a cabeça. Timidamente, Betsie e eu saímos da fila e fomos para o grande quarto bolorento, agora vazio, esperando pelo próximo bando de mulheres nuas e titubantes.

«Por favor», disse eu ao ss que guardava a porta, «o banheiro?»

«Use os buracos do esgoto!» rugiu ele, e nós entramos no quarto a que, minutos depois, vol-

taríamos despidas. Amontoadas, atrás da porta, estavam as roupas da prisão, que íamos envergar depois de passarmos pelo chuveiro; eram vestidos ordinários, com um grande X recortado nas costas e substituído por fazenda de outra cor. Vimos então, atirados num recanto, um monte de velhos bancos de madeira. Estavam viscosos de mofo, mas a mim pareceram móveis do paraíso.

«Tira o suéter!» sussurrei. Embrulhei nele a Bíblia e o frasco de vitaminas e meti tudo atrás dos bancos.

Assim, dez minutos depois, quando nos arrebanharam para aquele quarto, não nos sentíamos pobres, mas ricas – ricas com aquela nova prova de amor daquele que era Deus, até em Ravensbrück.

Barracão 28

O BARRACÃO dos castigos em Ravensbrück ficava em seguida ao nosso. Dele vinham sons do próprio inferno – golpes dados em ritmo regular, gritos mantendo o compasso. Durante o toque de chamada nas intermináveis manhãs, ficávamos no nosso lugar de mãos trêmulas, ansiando por poder tapar os ouvidos.

À medida que a vida se tornava cada vez mais estranha, melhor nos apercebíamos por que estávamos as duas ali. Desde que amanhecia até se apagarem as luzes, sempre que podíamos, nossa Bí-

blia era o centro do crescente círculo de ajuda e esperança. Como párias abrigadas em torno de um fogo vivo, nos reuníamos para ouvir o que nela estava escrito, com o coração aberto ao calor e à luz que dela recebíamos.

«Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? Será a tribulação, ou a angústia, ou a fome, ou a desnudez, ou o perigo, ou a perseguição, ou a espada?... Mas em todas estas coisas saímos vencedores por aquele que nos amou.» (Romanos 8, 35-37.) Eu olhava à minha volta, enquanto Betsie lia, observando a luz que irradiava de cada rosto. Mais do que vencedores – não era um desejo, era um fato.

Algumas vezes, eu tocava na Bíblia com mãos inseguras – tão misteriosa se tinha tornado para mim. Ela me parecia atual, acabada de ser escrita; eu ficava admirada de que a tinta já estivesse seca. Havia lido milhares de vezes a prisão de Jesus – como os homens o tinham esbofeteado, rido dele, como o haviam açoitado. Agora, tais acontecimentos adquiriam rostos e vozes.

Cada dia, o Sol surgia um pouco mais tarde, o frio mordente custava mais a ser vencido. Eu dava umas gotas de vitaminas a Betsie todas as manhãs, mas quanto tempo ainda duraria o pequeno vidro? «Especialmente se você continuar a dividi-lo com todo mundo que espirrar perto de nós», disse-lhe eu.

Na segunda semana de outubro, nos transferiram para a seção permanente do barracão 28. Muitas das janelas se haviam quebrado e tinham sido substituídas por pedaços de pano. Uma porta central nos levava a um quarto enorme, onde 200 mulheres se curvavam sobre agulhas de tricô e pilhas de meias cinzentas que se confeccionavam para o exército.

Havia portas laterais que se abriam para dois quartos ainda maiores, os dormitórios. Sentia-se logo o cheiro que vinha das roupas de cama imundas e repugnantes. Não havia camas individuais, mas grandes estrados quadrados sobrepostos em três níveis, ligados de ambos os lados e nas extremidades, com apenas uma passagem estreita entre eles. Para chegarmos ao nosso lugar, no segundo andar, no meio de um grande bloco, tínhamos que subir e depois ir de gatinhas pelas outras plataformas cobertas de palha.

Subitamente, algo me picou na perna. «Pulgas!» exclamei. «Betsie, isto está infestado de pulgas! Como vamos viver aqui?»

«Mostra-nos, mostra-nos como.» Isto foi dito com tanta naturalidade que levei um momento para compreender que Betsie estava rezando. Cada vez mais se tornava menor para Betsie a distinção entre a vida real e a comunicação com Deus através de orações.

«Corrie!» disse-me ela com entusiasmo. «Ele nos deu a resposta na Bíblia, esta manhã: 'Vede que

nenhum dê a outro, mal por mal: antes segui sempre o que é bom entre nós e para com todos. Estai sempre alegres. Orai sem intermissão. Em tudo dai graças: porque esta é a vontade de Deus...'» (Tessalonicenses 5, 15-28.)

«Aí está, Corrie! 'Em tudo dai graças!' É o que podemos fazer. Podemos começar agora mesmo a agradecer a Deus por tudo o que houver neste novo barracão.»

«Por exemplo?» perguntei.

«Por estarmos aqui juntas.»

Mordi os lábios. «Sim, é verdade, meu Jesus!»

«Pelo que tens nas mãos.»

Olhei para a Bíblia. «Sim! Obrigada, Senhor!»

«Sim», disse Betsie. «Agradece por toda essa gente amontoadá aqui. Pois isso significa que haverá mais que ouvirão.» Olhou para mim cheia de expectativa. «Corrie!» pediu.

«Está bem. Obrigada, Senhor, por toda esta multidão esmagada, encurralada e sufocante.»

«Obrigada, Senhor», Betsie continuou serenamente, «pelas pulgas e...»

Era demais. «Betsie, nem mesmo Deus me poderá fazer grata pelas pulgas.»

«'Em tudo dai graças'», citou ela. «Em todas as circunstâncias. A Bíblia não diz só 'em circunstâncias agradáveis'. As pulgas fazem parte deste lugar onde Deus nos colocou.»

Assim ficamos entre os estrados superpostos e agradecemos a Deus

pelas pulgas. Desta vez, porém, eu estava certa de que Betsie não tinha razão.

BANHADAS de suor e cansadas do longo dia de trabalho, as outras mulheres do barracão 28 começaram a chegar logo depois das seis da tarde. O edifício fora concebido para 400, mas agora havia ali 1.400.

Nove de nós partilhávamos o nosso quadrado particular, previsto para quatro. Oito sanitários, impregnados de um cheiro penetrante e constantemente alagados, serviam a todas nós; para se chegar a eles, precisávamos arrastar-nos não apenas sobre nossas próprias companheiras de estrado, mas também sobre as que se encontravam nas outras plataformas, até atingirmos a passagem. Por outro lado, o menor movimento no nível superior mandava uma chuva de poeira e palha sobre as que dormiam embaixo — seguida de uma troca de palavrões. A todo instante, surgiam brigas entre as mulheres, exaustas e famintas.

Havia um motivo de discórdia permanente entre as que dormiam perto das janelas e que fechavam as cortinas de trapo por causa do frio e as outras que exigiam que ficassem abertas por causa do calor. Ouviram-se empurrões, bofetadas, soluços. «Senhor Jesus», disse Betsie bem alto na escuridão, «que a paz reine neste quarto. Onde estejas, Senhor, não pode existir conflito.»

Pouco a pouco, os sons da briga foram cessando. «Faço-lhe uma proposta!» A voz falava alemão com carregado sotaque escandinavo. «Você pode dormir aqui que é mais quentinho e eu fico com o seu lugar perto da janela.»

«Pois eu lhe respondo!» disse uma voz com sotaque francês. «Nós abrimos as janelas pela metade. Dessa forma, ficamos apenas meio congeladas e vocês ficarão apenas meio assadas.»

Uma onda de risos se espalhou pelo quarto. Betsie viera para o barracão 28.

Paraíso no inferno

UM APITO NOS acordava às quatro da madrugada e nós disparávamos em busca de pão e café; as retardatárias já nada encontravam. A chamada era feita na Lagerstrasse, uma rua larga que conduzia ao hospital do campo; aí nos reuníamos às 35 mil ocupantes dos outros barracões, em fila a perder-se de vista, sob a pálida luz dos lampiões da rua, com os pés adormecidos pelo frio que vinha do chão batido.

Betsie e eu fomos designadas para trabalho pesado num complexo fabril a dois quilômetros e meio do campo. Ao meio-dia, recebíamos uma batata cozida e uma sopa rala. Retornando ao campo, depois de 11 horas de trabalho arrasador, mal podíamos levantar as pernas inchadas e doloridas. Atrás das casernas entrávamos ainda em

outra fila para receber uma tigela de sopa de nabos; só então Betsie e eu íamos para os fundos do dormitório, onde havia uma pequena lâmpada acesa, e dávamos início ao nosso «serviço» religioso.

Eram serviços diferentes de quaisquer outros. Uma única reunião podia incluir uma ladainha em latim feita por um grupo católico romano, um hino sussurrado por luteranos e um cântico em voz baixa das mulheres ortodoxas. A seguir, Betsie ou eu abríamos a Bíblia e traduzíamos o texto holandês em voz alta para alemão, que depois era passado, por entre os estrados, em francês, polonês, russo, tcheco e, finalmente, outra vez em holandês. Era uma pequena visão do paraíso.

Lá fora na Lagerstrasse ou no compartimento central dos barracões, éramos mantidas sob vigilância rígida; mas em nosso grande dormitório quase não havia supervisão. Não compreendíamos o porquê desse lapso, mas íamos ficando cada vez mais ousadas na convocação das reuniões.

Outra coisa estranha estava acontecendo. O vidro de vitaminas continuava a produzir gotas, embora, além de Betsie, uma dezena de outras companheiras tomassem dele. Cada vez que eu inclinava o pequeno vidro marrom, uma gota aparecia. «Talvez», cochichei com Betsie, «apenas uma ou duas moléculas passem pelo burquinho e depois aumentem com o ar.»

Ouvi seu sorriso suave. «Não tente explicar o fato, Corrie. Aceite-o simplesmente como uma surpresa de um Pai que a ama.»

Um dia, Mien abriu caminho até nós, na fila da sopa, à noite. Mien, holandesa jovem e bonita, designada para trabalhar no hospital, freqüentemente trazia, para o barracão 28, tesouros roubados da sala dos chefes. Desta vez, era um pequeno pacote com um composto de vitaminas e levedura. Ficamos extasiadas diante daquela inesperada riqueza.

De volta ao estrado, apanhei o vidro de vitaminas que costumava deixar sob a palha. «Vamos primeiro terminar as gotas», decidi — mas, por mais que tentasse e virmasse o vidro, nenhuma gota saiu.

EM MEADOS de novembro, as chuvas começaram a cair para valer. Muitas vezes, permanecíamos o dia inteiro com água até os calcanhares e, à noite, o barracão exalava o cheiro de couro dos sapatos encharcados.

A saúde de Betsie piorara. Quando sua tosse passou a vir com sangue, deram-lhe trabalho permanente na «brigada do tricô». Sendo perita no trabalho de agulhas, terminava sua tarefa muito antes do meio-dia, e depois passava horas lendo alto nossa Bíblia, indo de grupo em grupo de mulheres que tricotavam.

Um dia, quando regressei ao barracão, os olhos de Betsie brilhavam de entusiasmo. «Descobri

por que temos tanta liberdade no dormitório», disse ela. Nessa tarde, tinha havido confusão no tamanho das meias, e seu grupo pedira à supervisora da sala central que viesse verificar o engano. «Mas ela não quis por nada entrar aqui, nem os guardas. E você sabe por quê? Porque, segundo ela, 'este lugar está infestado de pulgas!」

Meu pensamento voou para trás. Lembrei-me de Betsie com a cabeça inclinada agradecendo a Deus por algo cuja utilidade eu não conseguia ver.

«Não há abismo tão profundo»

POR MERO acidente administrativo, em dezembro, fui designada também para trabalhar no grupo do tricô. Aí começou o período mais íntimo e alegre de todo o tempo que passei em Ravensbrück, pois, lado a lado, no santuário das pulgas de Deus, Betsie e eu transmitíamos a palavra do Senhor a todas as companheiras. Enquanto rezávamos, Ele nos falou, perguntando que faríamos quando acabasse a guerra. Betsie não hesitava em responder por ela e por mim. Teríamos uma casa, uma grande casa, bem maior do que Beje, onde abrigaríamos todas as pessoas que tivessem sofrido em campos de concentração, até que se sentissem aptas para a vida normal.

«É uma casa tão bonita, Corrie! O assoalho é todo de madeira trabalhada, com estátuas nas paredes

e uma grande escada abrindo embaixo. E jardins! Fará tanto bem a eles cuidar de flores!」

Olhei-a, atônita. Ela falava como se descrevesse coisas que via.

No entanto, a realidade, dolorosa e sem perspectivas de fim, era aquele barracão imundo e comprimido. E o frio aumentava.

Na semana anterior ao Natal, Betsie acordou incapaz de mover os membros. Marijke de Graaf, uma holandesa, me ajudou a fazer uma cadeirinha com os braços, e a levamos para fora. Depois da chamada, voltamos a trazê-la para a cama. Sua voz era arrastada e confusa, mas ela estava tentando dizer qualquer coisa.

«Um campo, Corrie, um campo de concentração... mas... nós somos as responsáveis!」 Tinha de inclinar-me bem perto dela para ouvir. O campo era na Alemanha. Não era uma prisão, e sim um lar onde os que tinham sido dominados por essa doutrina de ódio e força pudessem aprender outra maneira de viver. Não havia muros nem arame farpado, e os barracões tinham janelas com jardineiras. «Será tão bom para eles verem as coisas crescendo! As pessoas podem aprender a amar com as flores.»

Eu já sabia a que pessoas ela se referia: aos alemães.

«Vamos ter esse campo na Alemanha, Betsie? Em lugar da grande casa na Holanda?」

«Oh, não! Vamos ter a casa primeiro. Está pronta e esperando

por nós... janelas tão altas! O sol está entrando por elas...»

Um acesso de tosse a sacudiu. Quando por fim passou, uma mancha de sangue escurecia a palha. Ela dormitou sossegadamente todo o dia e a noite que se seguiu, acordando de vez em quando com o entusiasmo de fornecer algum novo detalhe sobre o nosso trabalho de após-guerra na Holanda ou na Alemanha.

«Os barracões são cinzentos, Corrie, mas nós vamos pintá-los de verde. Verde brilhante e cheio de luz, como a primavera.»

Na manhã seguinte, quando o apito tocou, Marijke e eu tornamos a carregar Betsie para a chamada. Desta vez, porém, uma guardiã disse, finalmente: «A prisioneira será transferida para o hospital.» Puseram-na numa maca e eu comecei a segui-las. Uma amiga polonesa caiu de joelhos a seu lado e fez o sinal da cruz.

Lá fora, continuei seguindo de perto a maca para proteger Betsie da chuva que não cessava. Passamos pela interminável fila de doentes que esperavam e entramos num grande pátio interno. Inclinei-me para ouvir as palavras de Betsie: «... precisamos contar às pessoas o quanto aprendemos aqui. Devemos dizer-lhes que não há abismo tão profundo que Deus não alcance. Eles nos ouvirão, Corrie, porque estivemos aqui.»

Uma enfermeira se deu conta da minha presença. Com relutância, afastei-me, enquanto colocavam

Betsie num catre estreito perto da janela. Correndo, saí do edifício e, através da janela, trocamos sorrisos e palavras mudas, até que um guarda do campo me berrou que me afastasse dali. As últimas palavras que vi formuladas pelos seus lábios roxos foram: «Tanto trabalho a fazer.»

Embora eu pedisse repetidamente nessa tarde e de noite, não obtive permissão para deixar o barracão, mas, na manhã seguinte, assim que terminou a chamada, encaminhei-me para o hospital, mesmo sem permissão.

Protegendo os olhos com as mãos, espiei pela janela. Na cama, jazia um vulto entalhado em velho marfim amarelo. A figura estava despida, e eu podia ver cada costela e o desenho dos dentes sob o pergaminho das faces.

Custou-me a crer que fosse Betsie. Duas enfermeiras entraram no quarto, agarraram as quatro pontas do lençol e carregaram a trouxa para fora.

Deixei a janela e saí correndo. Depois, comecei a andar. Caminhei por muito tempo e, por estranho que pareça, nenhum guarda me fez parar.

«Corrie!» Era Mien, nossa amiga holandesa que trabalhava no hospital. «Estava procurando você. Venha, Corrie!»

Tomou-me pelo braço e levou-me de volta ao hospital. Podia-se passar, sem ser notado, por uma grande janela empenada que não fechava bem e que dava

para a latrina dos fundos, local para onde levavam os cadáveres.

Quando percebi que ela me conduzia justamente para ali, soltei o braço. «Eu sei, Mien. Já sei.» Ela, porém, me agarrou novamente e empurrou-me através da janela para o quarto infecto.

Virei a cabeça, pois não queria ver a confrangedora fila de corpos ao longo da parede. Mien pôs um braço em volta de meus ombros e me fez seguir adiante. «Você a vê?» perguntou-me.

Ergui os olhos para o rosto de minha irmã. Jesus! Que fizeste? Ali estava Betsie, como se dór-misse, com o rosto cheio e jovem. As linhas do pesadelo que vivera, do sofrimento, as marcas da fome e da doença — tudo desaparecera. Ali estava a Betsie de Haarlem, feliz e em paz, ou mais forte e mais livre ainda, a Betsie que se encontrava no céu, esfuziante de alegria e saúde. Até seu cabelo parecia graciosamente penteado, como se um anjo a tivesse tocado.

Pensativa, olhei finalmente para Mien. Uma enfermeira junto à porta abriu-a para nós. «Podem sair pelo *hall*», disse delicadamente. Olhei mais uma vez para o rosto radiante de minha irmã. Depois Mien e eu saímos.

Uma pilha de roupas se amontoava cá fora na passagem; em cima, estava o suéter azul de Nollie. Parei para apanhá-lo, mas Mien me segurou o braço. «Não toque nelas. Estão cheias de pio-lhos. Vai ser tudo queimado.»

Perdi, assim, o último laço físico com Betsie. Fiquei ligada a ela pela esperança do paraíso.

Visões que se tornam realidade

A BELEZA do rosto de Betsie me deu forças, nos poucos dias que se seguiram, enquanto descrevia a todas as companheiras que a tinham amado a alegria e a paz que ela recuperara.

De repente, então, vi-me liberta de Ravensbrück. Os acontecimentos se sucediam com rapidez estonteante. Deram-me uma passagem de trem que me permitia atravessar a Alemanha para a fronteira holandesa. Forneceram-me roupas (roupa de baixo, saia de lã, blusa de seda, sapatos resistentes e quase novos, um chapéu, um casaco). Entregaram-me um formulário para assinar, declarando que nunca tinha estado doente em Ravensbrück, que nunca sofrera acidente e que o tratamento havia sido bom. Eu assinei.

A viagem de volta, em janeiro de 1945, foi uma interminável confusão de demoras provocadas por danos nas estradas de ferro e pela minha própria debilidade física, mas, finalmente, encontrava-me na Holanda de novo, e depois no grande lar-asilo de Willem, com os braços em torno de Tine e de duas das minhas sobrinhas, enquanto Willem se aproximava, pelo corredor, mancando apoiado numa bengala. Ficamos

todos juntos durante muito tempo, e eu lhes contei tudo sobre a doença e a morte de Betsie. Não tinham notícias de Kik desde que este fora deportado para a Alemanha meses antes.

Passei duas semanas em Hilversum, mas não tinha sossego enquanto não regressasse a Haarlem. Por fim, acertou-se a viagem, a última parte da qual numa limusine preta com placa oficial, fornecida por Pickwick, que parecia tão ativo como antes. Chegando a Barteljorisstraat, saí do carro quase antes que ele parasse, e os braços de Nollie me rodearam. Na relojoaria, estava Toos, nossa leal vendedora e contabilista, rindo e soluçando ao mesmo tempo.

A vida, como um relógio, começou outra vez: de manhã, consertando relógios na oficina; à tarde, pedalando na minha bicicleta sem pneus para a casa de Nollie. Mas eu me sentia inquieta; alguma coisa ainda me faltava.

Um dia, por fim, descobri o que era: Betsie. Era Betsie que me fazia falta a cada instante, era ela que eu pensara reencontrar ali em Haarlem. Mas ela não estava lá. Pela primeira vez, desde que morreu, recordei: «Precisamos contar às pessoas, Corrie. Precisamos dizer-lhes o que aprendemos.»

Nessa mesma semana, comecei a falar. Pedalava através das ruas de Haarlem levando a mensagem de que a alegria é mais poderosa do que o desespero. Era uma notícia que as pessoas tinham necessi-

dade de ouvir naquela primavera de desânimo de 1945. Não havia tulipas que transformassem os campos em tapetes coloridos; os bulbos todos tinham sido comidos. Não havia família sem sua tragédia. Nas igrejas, nas salas de clubes, em casas particulares, eu contei as verdades que Betsie e eu tínhamos aprendido em Ravensbrück.

Falei também na primeira visão de Betsie, de um lar onde os que tivessem sofrido pudessem reaprender a viver sem medo. Depois de uma dessas conversas, uma elegante e aristocrática senhora veio procurar-me; era a Sra. Bierens de Haan. Propôs-me abrir sua casa para concretizarmos a idéia de Betsie ten Boom.

A Sra. Haan me acolheu na entrada de sua propriedade, no subúrbio de Bloemendaal, e ambas subimos uma aléia de velhos carvalhos que se fechavam acima de nossas cabeças. Ultrapassada a última curva, via-se a casa: uma mansão de 56 cômodos, no meio de imenso parque. Olhei fixamente para o frontão do telhado e para as altas janelas com caixilhos chumbados.

«Lá dentro» — eu tinha a garganta seca —, «o assoalho é de madeira trabalhada e há uma ampla galeria rodeando um *hall* central... e estatuetas ao longo das paredes?»

A Sra. Haan me olhou surpresa. «Você esteve aqui, então?»

«Não», respondi. «Soube por alguém que esteve aqui.»

NO DIA 5 de maio, as forças alemãs na Holanda capitularam. Em junho, a primeira pessoa, de muitas centenas que viriam depois, chegou à bela mansão-lar em Bloomendaal. Cada uma delas era um ser humano esmagado, mas, para todas, o caminho da cura foi sempre o mesmo. Cada uma tinha um agravo a perdoar: o vizinho que a denunciara, o guarda brutal, o soldado sádico.

Lentamente, cada novo hóspede foi vencendo a dor profunda que carregava. Na maioria das vezes, como Betsie previra, o jardim era o começo. Ao ver-se vicejarem as flores e crescerem os vegetais, falava-se menos do passado amargo e mais do futuro. Quando a menção de patrícios holandeses que tinham colaborado com o inimigo passou à não provocar descargas de ódio, eu sabia que a cura não tardaria. No dia em que um internado me disse «Esses de quem você falou» (os odiados colaboracionistas a quem eu entregara Beje para que dela fizessem o seu lar) «quem sabe se não apreciariam umas cenouras frescas?», aí então eu tive a certeza de que se dera o milagre.

Viajando por toda a Holanda, Europa e pelos Estados Unidos, continuei a falar daquela obra, mas o lugar onde sentia mais desejo de contar a história de Betsie era a Alemanha — um país em ruínas, com cidades em cinzas e cacos de tijolos, e, ainda mais terrível, com mentes e corações em cinzas.

Foi na Alemanha que o diretor de uma organização de assistência me procurou. Disse-me que tinham ouvido falar do meu trabalho de reabilitação na Holanda, e pensaram que... talvez... «Descobrimos um lugar perto de Darmstadt. É um antigo campo de internamento que acaba de ser recuperado pelas autoridades.»

Fomos a Darmstadt. Fios de arame farpado enferrujado ainda rodeavam o campo. Caminhei lentamente por uma área de chão batido, entre tristes barracas cinzentas. Abri uma porta que rangia e avancei por entre filas de catres de metal.

«Jardineiras», disse eu. «Vamos pôr jardineiras em todas as janelas. O arame farpado será retirado, é claro... e precisamos de tinta — tinta verde, amarelo *citron* brilhante, a cor das coisas que nascem na primavera.»

★ ★ ★

O lar de Bloomendaal serviu exclusivamente a ex-prisioneiros e vítimas da guerra até 1950, e ainda opera, atualmente, no seu novo edifício próprio, atendendo outros internados. O campo em Darmstadt funcionou como lugar de recuperação e esperança até 1960, quando foi demolido para dar lugar a novas construções numa nova e próspera Alemanha. Agora, com mais de 80 anos, Corrie ten Boom ainda viaja (trabalhou e ensinou em 63 países de ambos os lados da Cortina de Ferro), obedecendo à convicção de Betsie de que era preciso «contar às pessoas». (Nota do editor.) ▲